



# Raça e classe no Brasil II: A tese de Carlos Hasenbalg

FSL0654- Raça, classe e política no Brasil contemporâneo  
2017/2

Profa. Márcia Lima

*Faz-se o negro passar a vida a engraxar sapatos e depois prova-se a inferioridade moral e biológica do negro pelo fato dele ser engraxate “*

*George Bernard Shaw In Costa Pinto. O negro no Rio de Janeiro, 1998:165).*



# Obra de Carlos Hasenbalg

- Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil (1979)
- Estrutura Social, Mobilidade e Raça (1988) – com Nelson do Valle Silva -
- Relações Raciais no Brasil Contemporâneo (1992) – com Nelson do Valle Silva -
- Cor e Estratificação Social no Brasil (1999) com Nelson do Valle Silva e Márcia Lima
- Origens e Destinos (2003) coordenado por ele e por Nelson do Valle Silva.

Race Relations in Post-Abolition Brazil:  
The Smooth Preservation of Racial Inequalities

By

Carlos Alfredo Hasenbalg  
Grad. (University of Buenos Aires) 1968

DISSERTATION

Submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of

DOCTOR OF PHILOSOPHY

in

Sociology

in the

GRADUATE DIVISION

OF THE

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY

Approved:

*Robert Blauner* ..... *June 23, 1978.*  
Chairman ..... Date  
*Arthur L. Stinchcombe* .....  
*Paul Halperin* .....

DEGREE CONFERRED DECEMBER 9, 1978

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	13
PREFÁCIO .....	17
PARTE I: PERSPECTIVAS TEÓRICAS .....	27
CAPÍTULO I: A RELAÇÃO SENHOR-ESCRAVO .....	29
A Escravidão Latino-Americana e Britânico-Americana Comparadas: Frank Tannenbaum e Seus Críticos .....	32
A Cultura Escrava ou "Zambo": Elkins e Seus Críticos .....	35
O Escravidismo como Sistema Econômico: Fogel e Engerman .....	40
A Ambiguidade Moral do Escravidismo: O Paternalismo de Genovese .....	43
Os Três Paradigmas Reconsiderados: Patologia dos Escravos vs. Autonomia Cultural dos Negros .....	49



<b>CAPÍTULO II: A TRANSIÇÃO PARA A LIBERDADE, INDUSTRIALIZAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS</b>	59
Categorização Racial e Relações Raciais:	
As Teses de Hoetink	61
Relações Raciais Como Arcaísmo do Passado: As Teses de Florestan Fernandes	72
Industrialização e Perspectiva Assimilacionista: Uma Avaliação Crítica	77
<b>CAPÍTULO III: A ESTRUTURA DE CLASSES, ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E RAÇA</b>	87
A Abordagem da Estratificação e a Teoria das Classes:	
Suposições Básicas	89
As Relações Entre a Estrutura de Classes e a Estratificação Social	95
Produção e Distribuição Social	97
Produção, Distribuição e Recompensas Simbólicas	99
A Estrutura de Classes, Mobilidade e Movimentos Sociais	102
Raça, Classe e Estratificação	108
<b>PARTE II: A EVOLUÇÃO DAS DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL</b>	119
<b>CAPÍTULO IV: ESCRAVISMO E GEOGRAFIA RACIAL NO BRASIL</b>	121
A Evolução Demográfica do Brasil Durante o Século XVIII	127
Dinâmica Populacional Após 1800	134
<b>CAPÍTULO V: AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA ABOLIÇÃO</b>	151
Abolicionismo e Imigracionismo	153
A Imigração Européia e o Deslocamento Sócio-Econômico da População de Cor	155

<b>CAPÍTULO VI: AS DESIGUALDADES RACIAIS APÓS A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA</b>	163
Industrialização, Urbanização e Desigualdades Raciais	168
Desigualdades Ocupacionais Entre Brancos e Não-Brancos	170
Desigualdades Educacionais Entre Brancos e Não-Brancos	180
<b>PARTE III: MOBILIDADE SOCIAL, POLÍTICA E RAÇA NO BRASIL</b>	195
<b>CAPÍTULO VII: MOBILIDADE SOCIAL, DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES E RAÇA</b>	197
Dados e Métodos	202
Raça e Mobilidade Social	
Diferencial	204
O Efeito da Raça nas Realizações Educacionais, Ocupacionais e de Renda	215
Conclusão	220
<b>CAPÍTULO VIII: RAÇA E POLÍTICA NO BRASIL</b>	223
O Mercado de Trabalho e o Antagonismo Racial	225
A Fragmentação da Identidade Racial e a Cooptação Social	233
As Armas Ideológicas: "Branqueamento" e "Democracia Racial"	237
Condições Existenciais dos Não-Brancos	246
O Contexto Político das Relações Raciais	256
<b>ANEXO I: As Notícias sobre Discriminação Racial na Imprensa</b>	261
<b>APÊNDICE A</b>	283
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	295



# Parte I: Perspectivas teóricas

- *Relação senhor-escravo;*

*Procura determinar a extensão em que a experiência escravista condicionou, de forma mais ou menos permanente, certas características grupais dos escravos negros e seus descendentes livres com o intuito de avaliar a importância causal da escravidão nas relações raciais pós-abolição.*

- *Transição para a liberdade: industrialização e relações raciais no Brasil*

*Crítica mais ampla ao debate sobre industrialização e relações raciais. A divergência com os argumentos de Florestan Fernandes.*

- *A estrutura de classes, estratificação social e raça (AULA 3)*

*Debate acerca da questão socioeconômica, a cor e a discriminação como critério de estratificação e a mobilização política dos negros. Para isso trabalha com relação da raça com dois componentes da estrutura social: O sistema de estratificação social e a estrutura de classes.*

# Escravidão e relações raciais pós Abolição

- Relação Senhor-escravo = características cultural e sociais do grupo escravo no momento da Abolição
- Caráter e durabilidade das características grupais produzidas pela experiência escravista = interpretações das relações raciais pós-Abolição.

Como explicar a subordinação racial dos negros pós-Abolição?

1. Função dos traços grupais originalmente moldados pela experiência escravista = levam a um mal ajustamento psicológico, cultural e social e o grau de heteronomia do comportamento do escravo.
2. Outras perspectivas apontam para a adaptação não patológica dos escravos à servidão e a relativa autonomia do comportamento e cultural dos escravos = posição social dos escravos pós Abolição em termos de racismo e discriminação.



# Ponto de partida: Frank Tannenbaum e seus críticos

Frank Tannenbaum

- América Latina: reconhece a personalidade moral do escravo (+ branda)
- Anglo Saxã: não reconhece (+dura)

Críticas:

- Estágios do ciclo econômico de sistemas de plantação distintos, o tamanho médio das plantações, continuação ou não do tráfico de escravos, caráter residente ou absenteísta dos proprietários **são fatores explicativos importantes para as variações de tratamento.**
- Escravidão e liberdade na AL eram próximas porque o status da maioria dos homens livres na AL não estavam longes da condição de escravos. (situação dos não brancos livres)



# Dimensões interpretativas

## ESCRAVIDÃO

- Coercitiva (Elkins)
- Remunerativa (Fogel e Engerman)
- Manipulativa /Paternalista (Genovese)

## PÓS-ABOLIÇÃO: industrialização e relações raciais

- Sistemas de categorização racial (Hoetink)
- Sobrevivência de padrões interracialis moldadas sob o escravismo (Florestan Fernandes)

# As dimensões interpretativas da relação senhor-escravo

## Coercitiva (Elkins):

- Enfatiza o impacto psicológico sobre os escravos. O escravismo criou a personalidade do escravo zambo (dócil, irresponsável, humilde porem ladrão).
- Críticas: Superestima a influencia mediadora da igreja e subestima as tradições culturais autônomas

## Remunerativa (Fogel & Engerman)

- Plantação escravistas como uma empresa altamente lucrativa e um empreendimento capitalista modelo. Sucesso das plantations no Sul dos EUA era resultado de uma força de trabalho disciplinada altamente especializada e bem coordenada. Incentivos materiais aos escravos.
- Críticas: não é possível considerar o caráter lucrativo do escravismo numa prova da natureza capitalista da plantação implica num reducionismo considerar que ambos os sistemas baseiam-se em motivações individuais assim como considerar que o escravo apenas como um investimento lucrativo.



# As dimensões interpretativas da relação senhor-escravo

## ○ Paternalismo (Genovese)

A escravidão não é apenas uma mera questão econômica: o escravismo produziu um sistema social integrado com uma estrutura de classes, um sistema político e uma ideologia peculiares. (classes possuidoras de escravos, classes não possuidora de escravos).

Paternalismo: trabalho involuntário dos escravos como retribuição legítima à proteção de seus senhores. Mesmo inibindo a identidade coletiva e a solidariedade política dos escravos, foi um período de construção de cultura. Paternalismo ≠ bondade.

# As dimensões interpretativas da relação senhor-escravo

- Relação raça/classe (Genovese): A escravidão deve ser entendida primeiramente como uma questão de classe porque o modelo escravista sendo um modelo econômico deve ser entendido a partir da relação que se estabelece entre dominante/dominado e não entre brancos/negros. E a questão racial deve ser localizada num contexto total, institucional e cultural da sociedade estudada.
- O racismo, segundo ele , é uma força que não deve ser subestimada. O preconceito de cor é uma forma de etnocentrismo que precedeu a escravidão e preparou o terreno para o racismo, compreendido como uma ideologia de opressão e subordinação. Pois somente informados de uma superioridade racial e cultural em relação ao outro é que um povo escraviza outro.
- Crítica: o uso do termo classe para mão de obra não remunerada.





# Industrialização e relações raciais:

## Dimensões interpretativas

- A literatura dedicada às relações raciais apontam duas outras abordagens:
  - 1) A comparativa que tende a enfatizar os sistemas de categorização racial desenvolvidos durante o período escravista e conservados após o mesmo (Hoetink)
  - 2) A que enfatiza a sobrevivência após abolição de padrões interfaciais de relações de grupo moldadas sob o escravismo (Florestan Fernandes).



# Categorização racial

- Duas categorias de relações raciais:
  - 1) Em termos de contato interpessoais entre membros de raças diferentes, a primeira categoria se refere às relações entre as raças no intercuro superficial, cotidiano;
  - 2) Refere-se ao desejo dos membros de raças diferentes de entrar em relações pessoais íntimas baseadas na igualdade. Implica em mistura.

## Tipos de sociedade segmentada

- 1. Ausência de mobilidade entre os segmentos: Sul dos EUA
- 2. Mobilidade possível com base em características físicas: Caribe
- 3. Mobilidade via miscigenação (mais aberta que a segunda): Brasil

# Categorização racial

- Estratificação socioeconômica: refere-se a critérios objetivos (prosperidade econômica ou ocupação)
- Estratificação socio-racial: representações ideológicas ou subjetiva dos brancos sobre a adequada hierarquização ou categorização social dos diferentes grupos raciais
- Crítica: Todos os aspectos das relações raciais que não são consequência da estrutura socio-racial são relegados a uma ideia vaga de caráter das relações raciais



# Herança escravista: tese de Florestan

- Preconceitos e discriminação raciais como sobrevivências do antigo regime, arranjos sociais do presente como arcaísmo do passado;
- A raça perderá eficácia como critério de seleção social e os não brancos serão incorporados às "posições típicas" da estrutura de classes.
- Crítica: essa abordagem opõem-se agudamente à realidade racial do Brasil e outras sociedades multi-raciais capitalistas.
- Concepção unívoca e idealizada da ordem social competitiva (aberta e democrática).
- As práticas racistas, segundo Hasenbalg, podem ser racionais em termos de preservação da estrutura de privilégios e dominação dos brancos.

# *Algumas conclusões*

## Sobre o legado da escravidão

- Analfabetismo maciço;
- Grande concentração demográficas em áreas rurais;
- Retardo da incorporação do negro ao mercado de trabalho ocorreu no núcleo central do desenvolvimento capitalista;
- Visão extremamente estereotipada das capacidades e habilidades da população negra

## Sobre industrialização e relações raciais:

- A industrialização provém da ordem racial vigente. Por questões de auto-interesse eles compartilham e respeitam esta ordem;
- Segue a interpretação de que o racismo é um dado objetivo da sociedade e que opera no interior da estrutura ocupacional (social)
- Raça se mantém como símbolo de posição subalterna na divisão hierárquica e continua a fornecer a logica de subordinação.
- As mudanças poderão reduzir as desigualdades raciais, mas não haverá mudança substancial na posição relativa de grupos raciais no sistema de estratificação racial



# Consequências políticas

*Aquiescencia dos negros (The smooth preservation of racial inequalities)*

A democracia racial junto com o branqueamento se transformaram em armas ideológicas que levaram a situação de fragmentação da identidade racial e cooptação social. O mito implicou na reconstrução idílica do passado e a persistência do clientelismo. A comparação com a realidade norte americana ajudou a moldar a autoimagem favorável dos brasileiros com referência às relações raciais.

# Desdobramentos analíticos

**Modelo de realização sócio-econômica**  
**(Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva)**

**1. Origem Familiar**

- 1.1 Estrutura familiar (capital social)
- 1.2 Recursos Econômicos (capital econômico)
- 1.3 Recursos Educacionais (capital cultural)



**2. Internalização dos recursos**

- 2.1. Saúde, sobrevivência e acesso à pré-escola
- 2.2. Escolarização formal



**3. Autonomização de status**

- 3.1. Acesso ao mercado de trabalho
- 3.2. Escolha marital



**4. Realização de status**

- 4.1. Posicionamento na estrutura sócio-ocupacional
- 4.2. Distribuição da renda pessoal



**5. Renda familiar e pobreza**

Retorno ao estágio inicial do ciclo



# Sobre Democracia racial

# Democracia Racial

- Guimaraes detecta num trabalho de Roger Bastide sobre Freyre uma referência ao termo democracia racial.
- *"Regressei para a cidade de bonde. O veículo estava cheio de trabalhadores de volta da fábrica, que misturavam seus corpos fatigados aos dos passeantes [...]. População de mestiços, de brancos e pretos fraternalmente aglomerados [...] numa enorme e amistosa confusão de braços e pernas. Perto de mim, um preto exausto pelo esforço do dia deixava cair sua cabeça pesada, coberta de suor e adormecida, sobre o ombro de um empregado de escritório, um branco que ajeitava cuidadosamente suas espáduas de maneira a receber esta cabeça como num ninho, como numa carícia. E isso constituía uma bela imagem da democracia social e racial que Recife me oferecia no meu caminho de regresso [...]." Bastide, Roger. "Itinerário da democracia III*

— em Recife, com Gilberto Freyre". Diário de São Paulo, 31/08/1944.



# Democracia Racial

- Charles Wagley (1952) *Race and class in rural Brazil*, a seguinte expressão:
  - *Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial.*
- Esse termo se torna público por Freyre nas circunstâncias em que este autor passa a defender – em 1962 – o colonialismo português. Freyre se define como “adepto da vária cor camoniana” opondo-se tanto a negritude quanto a branquitude que define como:

*Dois extremos sectários que encontrariam a já brasileiríssima prática da democracia racial através da mestiçagem: uma prática que nos impõe deveres de particular solidariedade com outros povos mestiços.*